

VII Seminário FESPSP - “Na Encruzilhada da democracia: Instituições e Informações em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 7: Antropologia Urbana

**A escolha de morar só: perspectivas sobre a individualização entre jovens adultos numa cidade de médio porte do interior paulista**

Laura Meira Bonfim Mantellatto<sup>1</sup>

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

**Resumo:** o presente trabalho consiste numa aproximação do fenômeno das moradias unipessoais no Brasil. Para tanto, através de estudos demográficos e da área das ciências sociais, procuramos localizar a incidência desse estilo de vida e as condições culturais em que ele se inscreve. Além de uma breve revisão do conteúdo bibliográfico que aborda esse tema, há, também, a apresentação de dados coletados na cidade de Assis/SP, onde investigamos, junto a estudantes universitários(as), a prevalência da escolha por morar só. Os resultados obtidos nessa amostra são discutidos juntamente com aqueles disponibilizados pelo IBGE, no que se refere aos arranjos domésticos em escala nacional, como também, os que dizem respeito especificamente à cidade em questão. Com isso, procuramos construir um quadro que permita a observação de um conjunto de fatores que contribuem para popularização desse estilo de vida.

**Palavras-chave:** morar só; juventude; cidade média; sociedade contemporânea.

A cidade contemporânea caracteriza-se pela crescente segmentação dos espaços: o fenômeno da moradia unipessoal inscreve-se nessa dinâmica. A partir da década de 1970, Berquó (1998) identificou uma mudança nos arranjos domésticos brasileiros, a saber, o declínio do número de pessoas por residência e, conseqüentemente, o aumento daquelas que moravam sozinhas. A autora elenca alguns fatores que engendraram esse processo: o crescimento de separações e divórcios, ingresso da mulher no mercado de trabalho, o aumento da expectativa de vida, a saída dos jovens do núcleo familiar, assim como a flexibilização das relações

---

<sup>1</sup> Mestra em Psicologia e Sociedade (2018); graduada em Psicologia (2015) pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Assis, (FCL UNESP). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: laura.mantellatto@gmail.com

VII Seminário FESPSP - “Na Encruzilhada da democracia: Instituições e Informações em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 7: Antropologia Urbana

afetivas, resultando na abertura de padrões tradicionais, como o da necessária divisão do espaço doméstico entre casais. É nesse momento histórico que Mello & Novais (1998) ressaltam a consagração do projeto de modernidade e progresso brasileiro, alinhando-se à globalização em curso, assim, os padrões de consumo se fortalecem, sendo desta época os primeiros hipermercados, lojas de departamento e *shoppings* do país. Nesse contexto, o espaço da casa e a centralidade do núcleo familiar, importante traço da formação cultural brasileira, são tensionados pela dinâmica da globalização: “[...] a vida em família não é mais governada pelo passado, pela tradição, senão pelo futuro, pela aspiração à ascensão individual, traduzida antes de tudo pela corrida ao consumo” (MELLO; NOVAIS, 1998, p. 605).

Tal estilo de vida seguiu em ascensão, de modo que no último censo, observou-se que 12,2% do total de unidades domésticas brasileiras eram ocupadas por uma só pessoa (IBGE, 2011). No entanto, é necessário admitir que a solidez dos valores familiares, própria da realidade brasileira, produz alguns deslocamentos no processo de apropriação dos valores referentes à liberdade individual. Dentre eles, está a superação da família extensa - que em muitos casos envolvia a coabitação doméstica -, por aquela composta apenas por pais e filhos: a família nuclear.

Figurando como uma característica em ascensão nas últimas décadas, o tema da moradia unipessoal é, da mesma forma, novo enquanto objeto de estudo em pesquisas acadêmicas. Durante o processo de desenvolvimento dessa pesquisa, notamos uma reprise do processo de polarização dos fenômenos sociais, entre leituras psicologizadas ou estritamente macrosociais. Dessa forma, ao abordar a moradia unipessoal por um viés mais dinâmico, embasado pela corrente teórica da Escola de Chicago, procuramos estabelecer uma abertura nas possibilidades de interpretação sobre esse conteúdo. Elencamos, a seguir, o campo onde esta pesquisa se insere entre as produções já realizadas.

A dissertação de Martins (2010), e a tese de Gonçalves (2007) adotam como horizonte o aspecto emancipatório que a individualização proporciona para grupos até então coibidos pela tradição patriarcal, no caso, mulheres adultas que optam pela residência unipessoal. As duas autoras utilizam como método de coleta de dados entrevistas com as pessoas que vivenciam essa condição, em diferentes capitais do país, respectivamente Goiânia/GO e Rio de Janeiro/RJ, para em seguida

VII Seminário FESPSP - “Na Encruzilhada da democracia: Instituições e Informações em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 7: Antropologia Urbana

desenvolverem considerações sobre o tema, como também, utilizam-se de reportagens veiculadas por meio de revistas e jornais que, muitas vezes, propagam uma ideia discriminatória sobre a experiência de estar só associada ao gênero feminino. A dissertação de Carvalho (1997) não se atém a tal recorte: trata-se de uma pesquisa bibliográfica de confronto entre autores e o conteúdo veiculado pela mídia sobre as mudanças em curso na estruturação familiar e sociabilidade brasileiras. O ponto de chegada do autor, no entanto, é distópico na interpretação que constrói, tendo como referência Lasch (1979) e a sociedade sitiada pelo narcisismo.

O mais recente dos trabalhos, Andrade (2013), tem como aspecto central a perspectiva fenomenológica que abrange a experiência de jovens universitários que moram sozinhos. O método de pesquisa do autor também é embasado em entrevistas com essas pessoas, homens e mulheres, além disso, o autor solicita aos sujeitos que tirem fotos de suas partes favoritas da casa, as quais, somadas ao conteúdo verbalizado, constituíram o material de análise. A preocupação de Andrade (2013) é destrinchar a continuidade existente entre a subjetividade e o espaço habitado, de modo a desvelar traços que se refletem um no outro, evidenciados pela vivência da solidão. Durante o processo de revisão bibliográfica preliminar, podemos encontrar, também, artigos científicos que exploram a condição de morar só na atualidade, como: Buffon (2011), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), “Morar só: uma etnografia do espaço doméstico de um grupo de homens das camadas médias intelectualizadas”; e Camargos et al (2011), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) “Idoso, família e domicílio: uma revisão narrativa sobre a decisão de morar sozinho”.

Com exceção de Andrade (2013), o conteúdo bibliográfico a respeito do morar só enquanto um estilo de vida possui como protagonistas a idade adulta e velhice, outorgando a essa condição um viés de maturidade implícito para o seu exercício. Ademais, todas as pesquisas realizadas até o momento, incluindo os artigos referenciados, foram realizadas em capitais de grande porte, sugerindo que se trata de um fenômeno metropolitano. A especificidade desta pesquisa em relação às demais pode ser visualizada em dois aspectos. O primeiro diz respeito à faixa etária com qual será empreendida a pesquisa, diferenciando-se do cenário já estabelecido

VII Seminário FESPSP - “Na Encruzilhada da democracia: Instituições e Informações em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 7: Antropologia Urbana

de pessoas mais velhas ocupando as residências unipessoais. O segundo aspecto condiz ao local em que será realizada: uma cidade de médio porte localizada no centro-oeste paulista, fundada em 1906, contando com uma população de aproximadamente 100.000 habitantes, Assis/SP. Com base nos dados do censo (IBGE, 2011), o arranjo doméstico de maior incidência nesta cidade é aquele onde 02 pessoas dividem a mesma residência, 27% do total. A moradia individual também figura numa quantidade significativa, correspondendo a 13% dos domicílios. Esse dado nos chama a atenção por ser proporcional à cidade de São Paulo/SP, onde o número de domicílios unipessoais corresponde a 14% (IBGE, 2016). Essa informação coloca em xeque a ideia de que a escolha, como também, a multiplicação da moradia individual seja própria dos grandes centros urbanos, podendo ser uma característica de igual desenvolvimento nos municípios de menor porte, o que é até então inédito na produção sobre o tema.

A profusão do pensamento da Escola de Chicago no Brasil deve-se, em grande medida, ao trabalho de Gilberto Velho, antropólogo urbano, vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro. Além de adotar esse referencial teórico em seus estudos, Velho traduziu e organizou a publicação de alguns títulos clássicos dessa corrente teórica. Esse autor procurava relacionar as frentes que compõem o processo de modernização, elencadas pelos pesquisadores de Chicago, com a realidade social brasileira. Para tanto, deve-se conceber os pressupostos de individualização e o desenvolvimento do espaço urbano, enquanto retratos de um processo em andamento que, em grande medida, se desenharão de um modo diferenciado, levando-se em consideração as especificidades sociais em jogo. Em vista disso, Velho (1997) sublinha que o contexto brasileiro sustenta uma forte qualidade conservadora que atuará diretamente no controle exercido sobre a individualização. Nesse mesmo sentido, Holanda (1995) já indicava que é, sobretudo, no âmbito familiar que a força conservadora opera e se reproduz de forma mais intensa: “as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição entre nós” (HOLANDA, 1995, p.195). Apesar de o país estar suscetível à ideologia moderna, as relações sociais operam segundo uma lógica tradicional, o que culmina num paradoxo entre o homem cordial e a cultura individualista, orientada ao fortalecimento da

VII Seminário FESPSP - “Na Encruzilhada da democracia: Instituições e Informações em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 7: Antropologia Urbana

heterogeneidade. Assim, o paradigma de socialização do Brasil tem como eixo principal a cordialidade, a proximidade e combinação com o outro, em detrimento da relação do indivíduo consigo mesmo, a fim de diferenciar-se.

Velho (1987) explora essa condição ao salientar que o direcionamento de projetos individuais, dado num sentido mais contemporâneo de empoderamento a partir das frestas abertas pela repercussão dos traços de modernização na sociedade brasileira, é diretamente negociado no âmbito familiar, onde há uma tentativa de harmonizar esse ímpeto com as expectativas do grupo que o sujeito está inscrito. Portanto, mesmo diante do esforço de individualização, a centralidade dos interesses familiares deve permanecer intacta. Para o autor, no entanto, a sucessiva nuclearização dos modelos familiares, que vem se estabelecendo nas últimas décadas, reflete um certo enfraquecimento dessa instituição tão cara à cultura brasileira. De forma reativa, essa redução de integrantes implicará, na perspectiva de sua dinâmica interna, num maior controle empreendido em relação à individualidade de seus integrantes, reforçando o vínculo de dependência entre seus membros. É nesse sentido que o autor pontua uma experiência de angústia relacionada ao movimento do sujeito demarcar sua individualidade, ao ultrapassar os limites do seu círculo familiar.

O fortalecimento dos valores de demarcação da individualidade estabelece um contraste nítido em relação a esse tipo de organização que reduz as possibilidades de diferenciação ou, até mesmo, de questionamento da estrutura hierárquica imposta nesse exercício de controle. Em vista disso, a escolha por seguir suas próprias determinações, invariavelmente ressoará como uma espécie de afronta em relação aos que ali decidiram permanecer, gerando um nível de conflito. Entretanto, o modo como essa situação será ressignificada passa pelo campo dos motivos que levaram o indivíduo a se afastar. Muitas vezes, quando essa questão envolve um motivo minimamente relacionado ao esforço de ascensão social, com um emprego ou estudos, a individualização representa a busca por, e uma futura atribuição de, maior prestígio social para aquela família, sendo essa uma narrativa mais popularizada.

VII Seminário FESPSP - “Na Encruzilhada da democracia: Instituições e Informações em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 7: Antropologia Urbana

O desenvolvimento de uma ideologia moderna individualista [...] deve ser visto, no caso da cultura brasileira, como [...] um processo não homogêneo [...] O destaque do indivíduo como sujeito e unidade social significativa de quadros de sociabilidade mais amplos não deve ser visto como mecânico, linear e, jamais, me parece, como fenômeno acabado. (VELHO, 1987, p.75).

A respeito do processo de urbanização, Santos (2013) também elenca algumas particularidades da realidade brasileira. Se a complexificação das cidades atingiu grande notoriedade nos Estados Unidos, ainda no início do século XX, é somente a partir de 1970 que esse processo se efetivará no Brasil, justamente quando se deu uma maior incorporação dos preceitos capitalistas no país, tendo em vista o desenrolar da Guerra Fria e o estabelecimento do regime de ditadura militar. Destaca-se, durante esse período, o esforço em se estabelecer vias de conexão no território nacional, permitindo o acesso com mais facilidade a materiais de exportação, bem como, o escoamento dessas mercadorias para as regiões portuárias. Frente a esse processo de interiorização do território, e consequente investimento financeiro nessas localidades mais afastadas, o autor pontua uma característica muito peculiar do desenvolvimento das cidades brasileiras, a saber, uma espécie de involução metropolitana, enquanto o crescimento econômico de pequenas e médias cidades é superior, em virtude da centralidade que ocupam na produção e escoamento de materiais de exportação. A racionalização dos meios de exploração dessas matérias, simbolizado pelo recurso da tecnologia, permitindo um melhoramento da produção, acarretará em outro fenômeno muito particular: um fluxo de mão de obra altamente qualificada, proveniente das regiões metropolitanas para o interior do Brasil, ao passo que aquelas pessoas de origem dessas pequenas cidades migram para capital, por não possuírem os requisitos de formação que o sistema de produção mais informatizado demanda.

Uma vez construído esse cenário, enfatizamos nosso interesse em investigar, mais detidamente, o modo como esse sistema de valores da modernidade, em especial a individualização e o espaço urbano, se desdobram na realidade brasileira. O fenômeno da moradia unipessoal entre jovens que, afastando-se de seu círculo familiar, se mudam para uma cidade do interior de São Paulo a fim de concretizarem

VII Seminário FESPSP - “Na Encruzilhada da democracia: Instituições e Informações em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 7: Antropologia Urbana

seus projetos de estudo, parece se ajustar muito bem às questões teóricas discutidas até então.

### **A moradia unipessoal em Assis/SP**

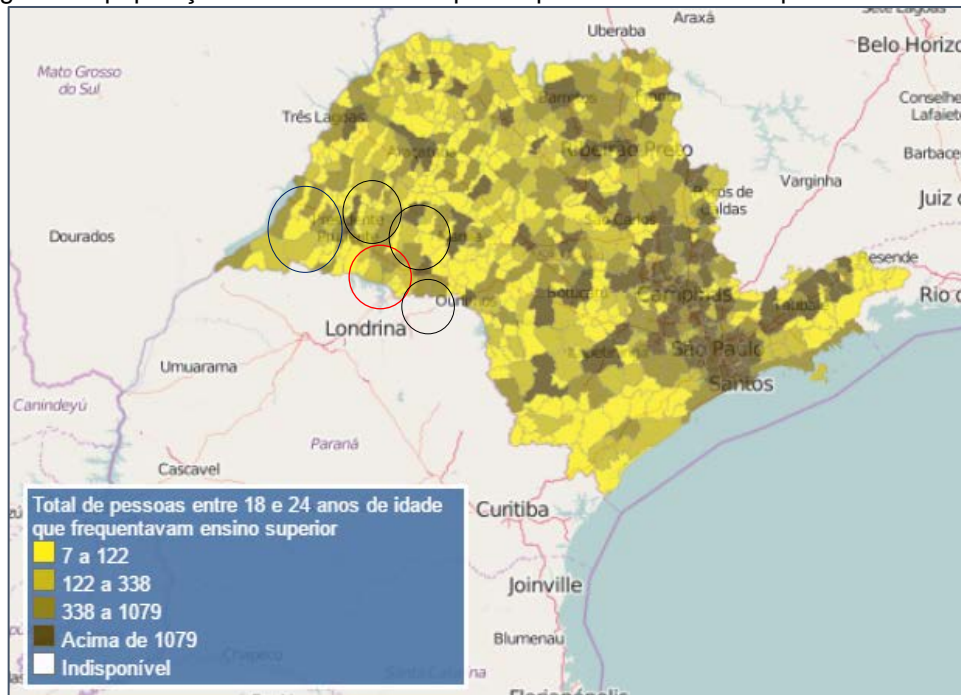
Os dados obtidos em nossa pesquisa de campo consistem num levantamento feito com uma amostra de 180 estudantes matriculados nos terceiros anos de um dos cursos oferecidos pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis (FCL UNESP). A respeito de Assis/SP, temos que em 1958, a fundação de uma das sedes do Instituto Isolado de Ensino Superior nesse município, o qual posteriormente, foi agregado à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) contribuiu diretamente para o desenvolvimento dessa cidade localizado no centro-oeste paulista. O crescimento econômico e demográfico de Assis/SP nos chama a atenção quando comparado com as cidades vizinhas, especialmente por compartilharem a mesma história de fundação relacionada às atividades agrícolas e pecuária organizadas em torno da estrada de ferro Sorocabana, no início do século XX (MANTELLATTO, 2016). Além de ter ultrapassado a marca dos 100.000 habitantes, Assis/SP exerce a função de cidade média entre aquelas que a rodeiam, pois concentra o oferecimento de serviços públicos estaduais, tanto na área na saúde (Hospital Regional e Ambulatório Médico de Especialidades – AME), como também na educação, do qual a FCL UNESP é a maior representante. A figura a seguir indica como a presença dessa universidade interfere no arranjo populacional do município:

VII Seminário FESPSP - “Na Encruzilhada da democracia: Instituições e Informações em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 7: Antropologia Urbana

Figura 01: população entre 18-24 anos que frequentava o ensino superior em 2010.



(IBGE, 2011b)

Envolvida pelo círculo vermelho, observa-se que a cidade se destaca entre demais do Estado por abrigar uma grande quantidade de jovens universitários. Ao seu redor, os outros municípios indicados, respectivamente, Presidente Prudente, Tupã, Marília e Ourinhos (da esquerda para direita), também comportam sedes da UNESP. O fluxo de jovens para Assis/SP também está refletido na pirâmide etária, realizada com base no censo de 2010, que sinaliza a preponderância na população dessa cidade daqueles entre 20-24 anos (IBGE, 2011b). Com tais informações em vista, é possível supor que a alta concentração de jovens é decorrente de um fluxo migratório estabelecido devido à presença da FCL, hipótese que pode ser confirmada com os dados da pesquisa de campo:



VII Seminário FESPSP - “Na Encruzilhada da democracia: Instituições e Informações em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 7: Antropologia Urbana

Gráfico 01.

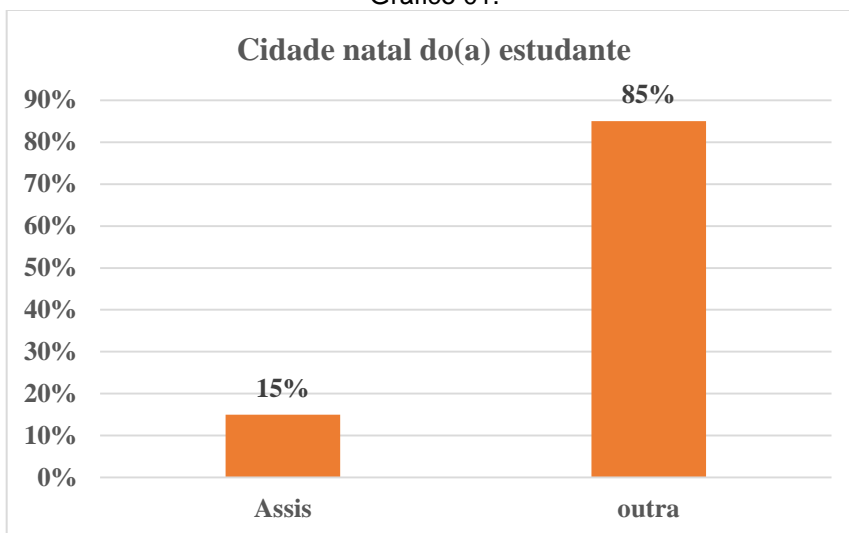


Gráfico 02.

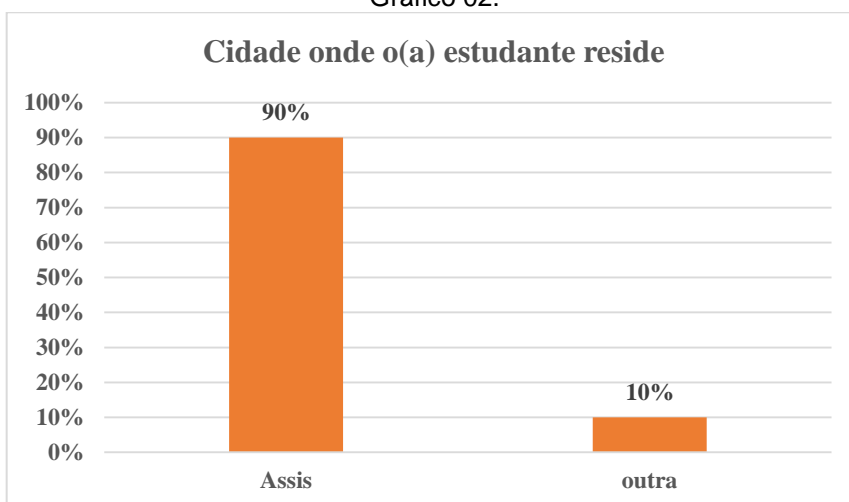
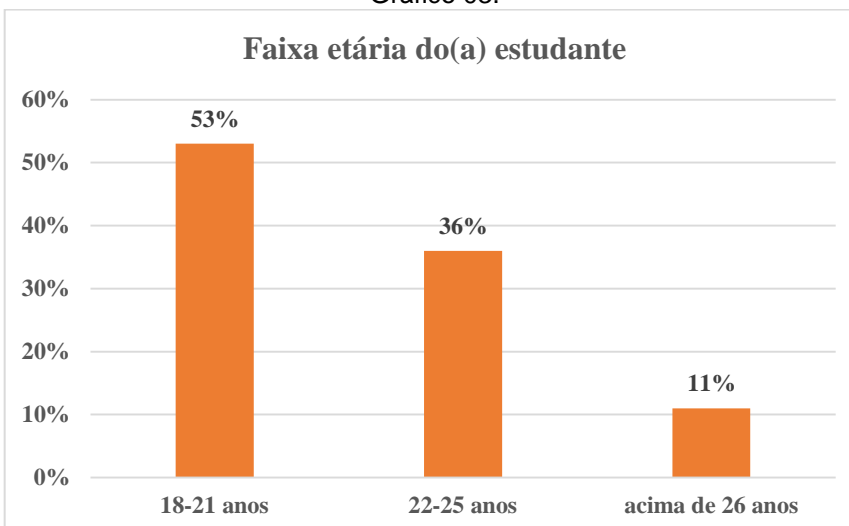


Gráfico 03.



VII Seminário FESPSP - “Na Encruzilhada da democracia: Instituições e Informações em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 7: Antropologia Urbana

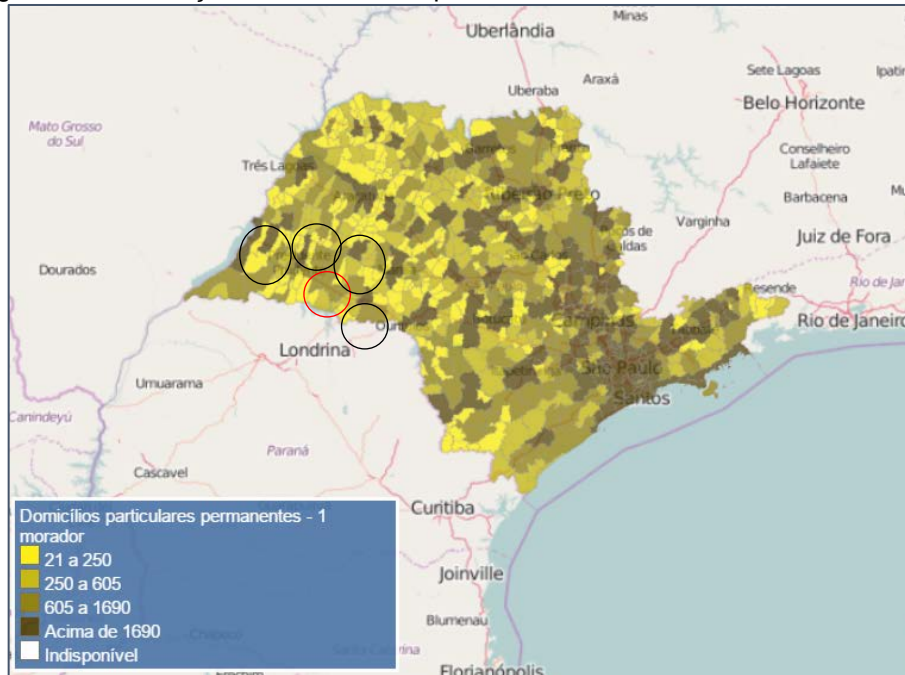
Comparando os três gráficos, nota-se que há um expressivo deslocamento dos(as) estudantes vindos de outras cidades que tem como local de residência permanente Assis/SP. Além disso, a idade dos(as) jovens coincide com o grupo etário predominante no município, apontado pelo censo. Quanto à identidade de gênero, esta pesquisa verificou uma prevacente quantidade de mulheres entre os(as) estudantes que compuseram a amostra (gráfico 04). Novamente, esses dados coincidem com aqueles oferecidos pelo censo, já que nele temos a seguinte referência: 23% das residências em Assis/SP são alugadas. Dessas, 58% são alugadas por mulheres. (IBGE, 2011b). Aproximando-se do tema central de investigação, a análise da distribuição dos tipos de residência entre os(as) universitários(as) (gráfico 05), apontou que 16% deles(as) moram sozinhos(as). Apesar de ter sido o tipo menos comum, essa quantidade ainda é superior à média nacional revista em 2015, pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), publicada em 2016 pelo IBGE, que registra o contínuo aumento das pessoas que moram sozinhas, dessa vez, atingindo a marca de 14,6% do total de arranjos domésticos brasileiros. Ademais, a porcentagem registrada entre os(as) estudantes também é maior que a média assisense em 2010, onde 14% do total de arranjos domésticos eram unipessoais. Essa característica do município em questão é proporcional à maior cidade do país, São Paulo/SP, onde 14% das residências também são de pessoas que moram sozinhas. Isso faz com que Assis/SP se destaque entre as demais cidades da sua região, juntamente com aquelas que também possuem campus da UNESP (figura 02).

VII Seminário FESPSP - “Na Encruzilhada da democracia: Instituições e Informações em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

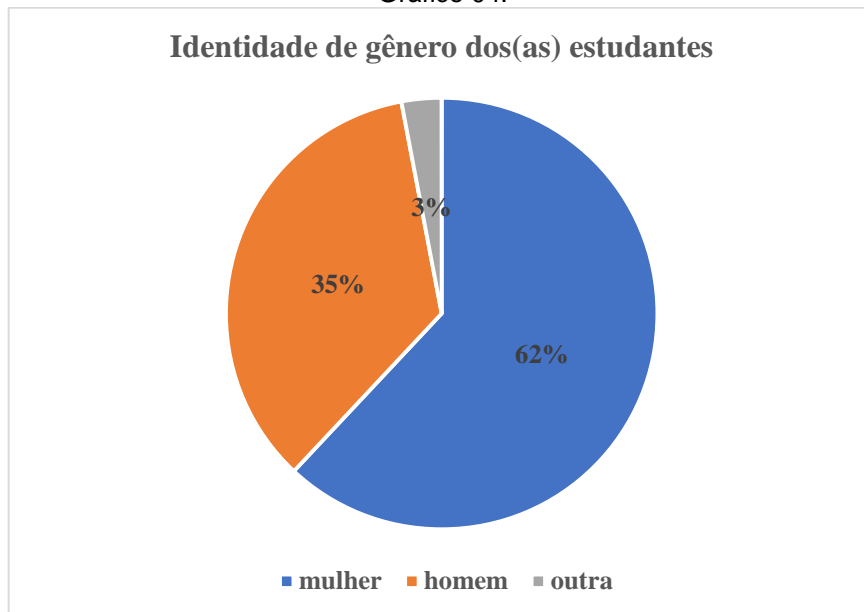
GT 7: Antropologia Urbana

Figura 02: distribuição de moradias unipessoais no Estado de São Paulo em 2010.



(IBGE, 2011b)

Gráfico 04.

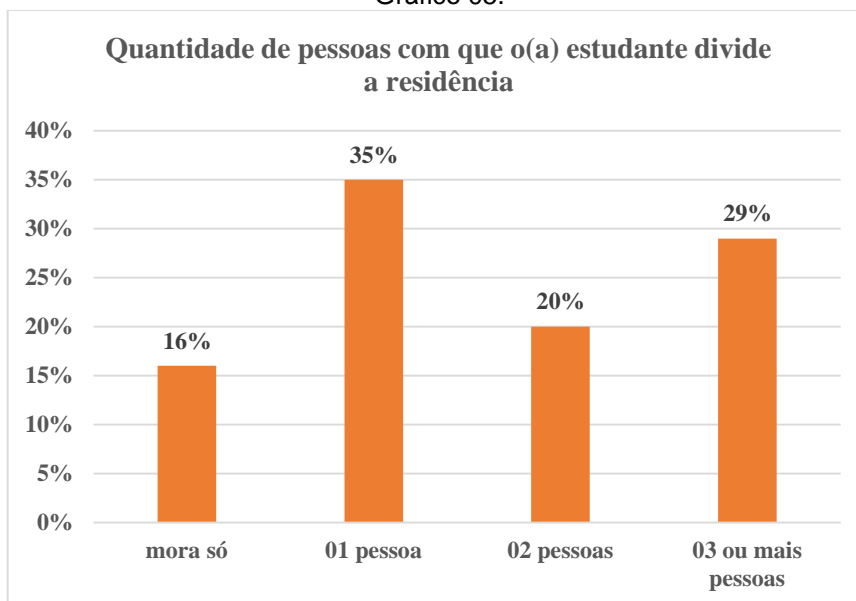


VII Seminário FESPSP - “Na Encruzilhada da democracia: Instituições e Informações em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 7: Antropologia Urbana

Gráfico 05.



Com base nos depoimentos de antigos(as) alunos(as) da FCL, coletados por Ferreira & Silva (2010), é possível verificar as transformações referentes à dinâmica urbana do município que, conseqüentemente, interferiram nos tipos de moradia dominantes entre os(as) estudantes. O campus da universidade foi construído num local afastado do centro, de modo que o trecho existente entre essas duas regiões não contava com infraestrutura básica, asfalto e iluminação, por exemplo. Assim, a convivência dos(as) jovens com a população da cidade era mais intensa, especialmente por compartilharem os mesmos bairros de moradia e, dessa forma, por se organizarem em repúblicas nas casas tipicamente construídas para abrigar um grupo familiar. Os relatos são assertivos ao descrever um conflito entre aqueles que vinham de fora e a população local, resultante tanto da proximidade física, quanto de um conflito de valores categorizado entre uma postura libertária dos(as) jovens que se chocava com a cultura conservadora dos assisenses. O conseqüente desenvolvimento econômico engendrado no município, dada a absorção dessa corrente migratória, possibilitou a expansão da malha urbana ao redor da universidade, onde foram construídas moradias específicas para os(as) universitários(as). A particularidade dessa iniciativa consiste na redução do espaço das residências, sendo predominantes as construções de 01 ou 02 quartos, comumente organizadas em condomínios. Não há dúvidas que há um forte interesse

VII Seminário FESPSP - “Na Encruzilhada da democracia: Instituições e Informações em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 7: Antropologia Urbana

econômico nesse tipo de arranjo doméstico, especialmente representado pelo aumento de pagantes de aluguel que, anteriormente, dividiam em mais pessoas um valor cheio estabelecido pelo(a) proprietário(a) da casa.

O predomínio dessas habitações voltadas aos(as) estudantes está refletido nos números apresentados no gráfico 05, em que o arranjo doméstico mais comum é aquele que o(a) jovem divide o espaço com apenas 01 pessoa, ultrapassando a porcentagem daqueles que moram com 03 ou mais pessoas, aludindo à organização de uma república. A respeito desse arranjo com maior quantidade de pessoas, é importante destacar que essa parcela também compreende os(as) residentes da moradia estudantil. Trata-se de um prédio que abriga, em média, 100 universitários(as) de baixa renda e, nos últimos anos, coletivos de estudantes que defendem políticas do acesso e permanência estudantil no ensino superior vem empenhando-se para garantir a ampliação dessas vagas.

Reaproximando-se do tema das residências unipessoais, a análise mais detida sobre esse grupo de estudantes nos ofereceu as seguintes informações: todos(as) que moram sozinhos(as) vieram de outras cidades e residem em Assis. Além disso, constatou-se que a maioria deles(as) são os(as) mais jovens dentre as faixas etárias abordadas (gráfico 06). A quantidade de mulheres também é significativamente maior do que de homens morando sozinhos, conforme indica o gráfico 07.

Gráfico 06.

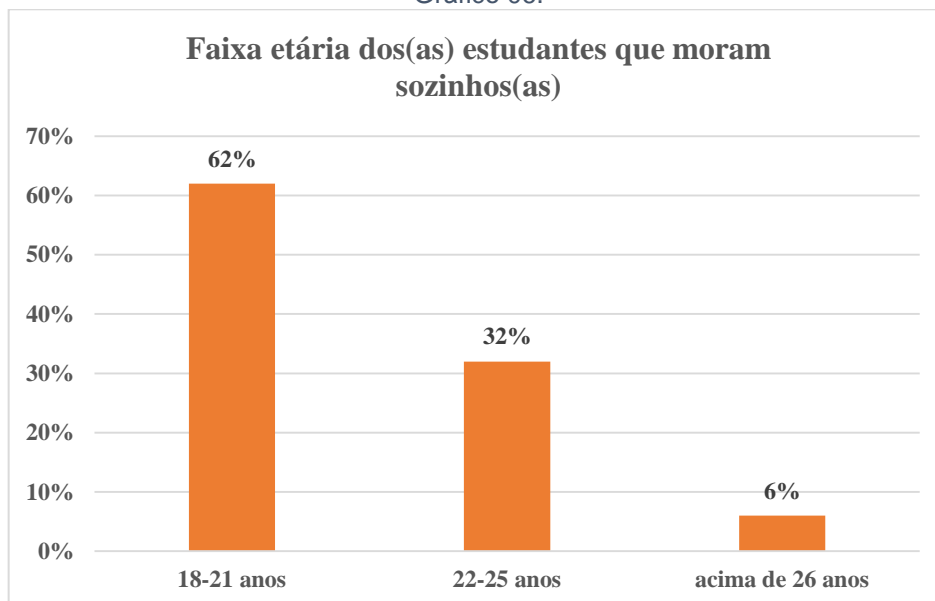
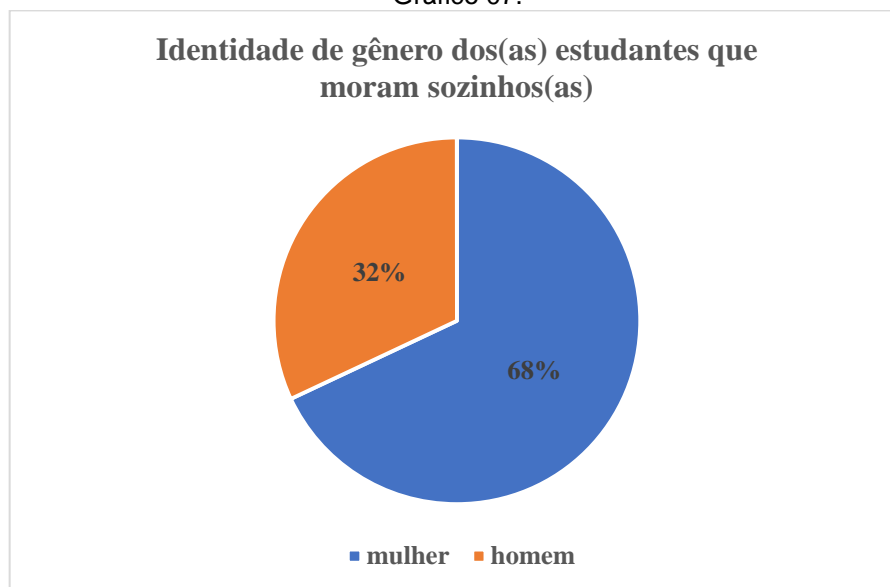


Gráfico 07.



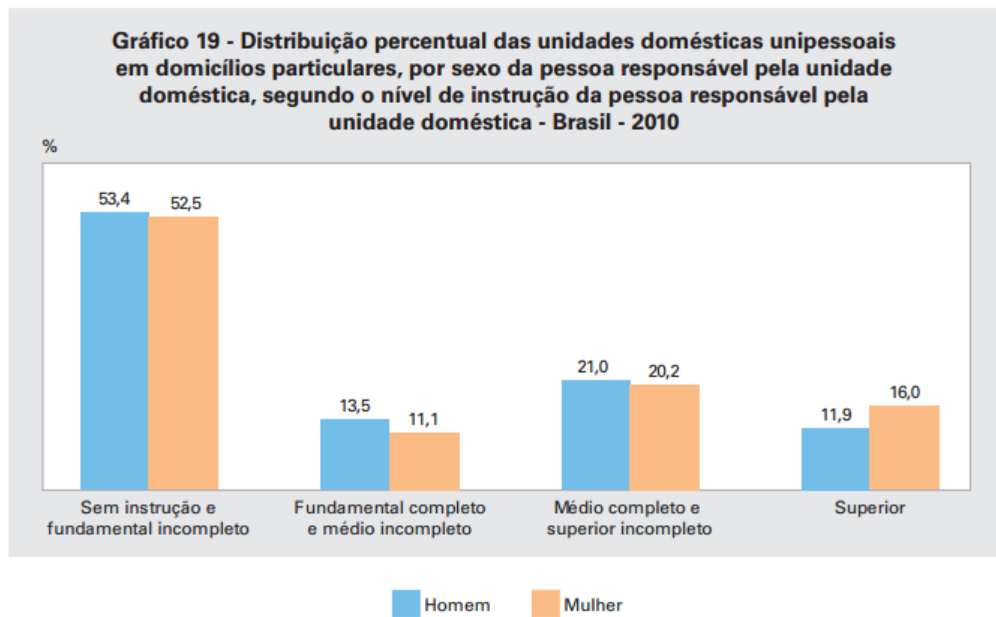
Essa preponderância de mulheres distingue-se dos resultados do censo 2010 (figura 03), considerando que a diferença entre gêneros daqueles(as) que frequentam o ensino superior e moram sozinhos(as) aparece de forma sutil. Já o grande volume tanto de homens como de mulheres que moram sozinhos(as), e não possuem ensino fundamental completo, é atribuído à população idosa que, inclusive, é o grupo etário mais comum entre os residentes unipessoais no Brasil (IBGE, 2011). Observa-se o desenho de uma polarização entre aqueles que vivenciam a condição de morar só, especialmente no que diz respeito às mulheres. A figura 04 detalha estado civil dessa população. Pode-se notar a quantidade expressiva entre viúvas e solteiras, o que aponta para diferentes cenários e sentidos dados ao morar só. Se, no caso das idosas, essa situação sugere que houve a perda do cônjuge e, conseqüentemente, um passado atrelado à vida doméstica em família; no caso das jovens, o morar só sinaliza para o estabelecimento de um outro padrão de vida, onde a valorização da independência parece ser mais uma circunstância factível - principalmente se considerarmos a ascensão de mulheres entre aqueles(as) que possuem o ensino superior completo (figura 03) e, também, entre os(as) estudantes da FCL.

VII Seminário FESPSP - “Na Encruzilhada da democracia: Instituições e Informações em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

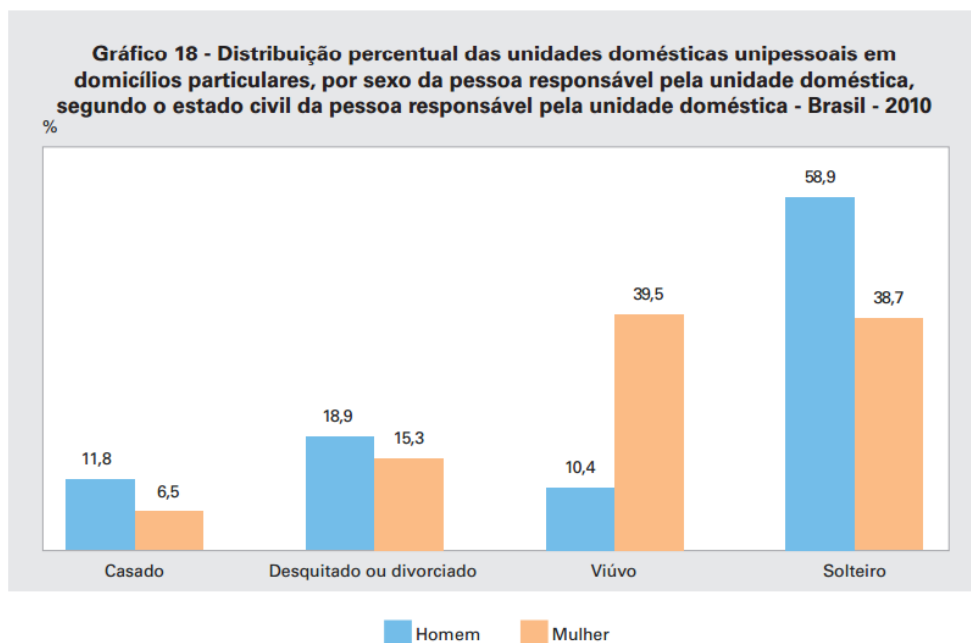
GT 7: Antropologia Urbana

Figura 03.



(IBGE, 2011)

Figura 04.



(IBGE, 2011)

Em síntese, os dados obtidos na fase quantitativa desse estudo trouxeram as seguintes contribuições. Houve a confirmação de um movimento migratório de

VII Seminário FESPSP - “Na Encruzilhada da democracia: Instituições e Informações em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 7: Antropologia Urbana

jovens, em sua maioria, entre 18-21 anos para a cidade de Assis/SP. Verifica-se que o estabelecimento desse grupo populacional se dá, majoritariamente, em residências menores, originadas da iniciativa de investidores particulares que procuram assimilar o potencial de desenvolvimento econômico que esse fluxo de universitários(as) representa para o município. A contínua segmentação do espaço urbano representada por esses empreendimentos habitacionais é uma tendência das cidades contemporâneas. A taxa de estudantes que moram sozinhos(as), constatada na amostra, ainda é maior que porcentagem nacional e municipal, apesar de ser o tipo menos comum entre os(as) universitários(as). Tanto em relação ao número total de pessoas que compuseram o estudo, como entre aqueles(as) que residem sós, apurou-se uma expressiva frequência de mulheres, nesses dois casos, superior a 60%.

A partir desse mapeamento, acessamos diferentes faces que podem ser associadas ao avanço de um traço individualizante na sociedade contemporânea ocidental. Seja a saída do(a) jovem do núcleo familiar almejando o exercício de sua independência que figura de modo mais exposto entre aqueles(as) que moram sozinhos(as); há também a dinâmica urbana que opera uma contínua demarcação da diferença entre seus habitantes, resultando nas múltiplas segmentações do espaço da cidade e, por fim, como esse princípio satisfaz a esfera econômica. Não é a intenção dessa pesquisa reverberar a existência de uma hierarquia de determinações entre essas instâncias, através de uma perspectiva unicamente macrossocial, por exemplo. Pretendemos delimitar as janelas pelas quais pode ser abordado o fenômeno em questão e, movimentando-se entre elas, observar a complexidade de que é preenchida a lógica da individualização.

### **Bibliografia**

ANDRADE, G. M. P. de. **A casa na cidade: uma leitura junguiana da experiência de jovens que moram sozinhos em São Paulo.** 2013. Dissertação de Mestrado em Psicologia – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

BERQUÓ, E. **Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica.** Em: SCWARCZ, L. M. (Org.) **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.



VII Seminário FESPSP - “Na Encruzilhada da democracia: Instituições e Informações em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 7: Antropologia Urbana

CARVALHO, S. L. T. **Lonely sweet home: solidão e modernidade**. 1995. 272 p. Dissertação de Mestrado em Sociologia – Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

FERREIRA, S. A.; SILVA, Z. L.; (Org.) **A trajetória da Faculdade de Ciências e Letras de Assis nos desafios educacionais do ensino superior: entre o passado e o futuro**. Assis: UNESP – Campus de Assis, 2012. Disponível em: <<http://www2.assis.unesp.br/fcl/livro/>>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2017.

GONÇALVES, E. **Vidas no singular: noções sobre “mulheres sós” no Brasil contemporâneo**. 2007. Tese de Doutorado em Sociologia – Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População residente por situação de domicílio, Censo 2010**. Disponível em: <<http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/caracteristicas-da-populacao.html>> Acesso em 24 de fevereiro de 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Plataforma Cidades**, 2011b. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=350400&search=s%C3%A3o-paulo|assis>>. Acesso em 24 de fevereiro de 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)**. Rio de Janeiro, 2016.

MANTELLATTO, L.M.B. A individualização na cidade: o fenômeno das moradias unipessoais em Assis/SP. **Anais do IV Simpósio Nacional Sobre Pequenas Cidades “Cidades pequenas: dinâmicas, escalas e redes urbanas”**, Ituiutaba/MG, 2016, p. 366-379.

MARTINS, R. I. **“Só há solidão porque vivemos com os outros...”** Um estudo sobre as vivências de solidão e sociabilidade entre mulheres que vivem sós no Rio de Janeiro. 2010. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <[http://teses2.ufrj.br/Teses/PPGAS\\_M/IsisRibeiroMartins.pdf](http://teses2.ufrj.br/Teses/PPGAS_M/IsisRibeiroMartins.pdf)>. Acesso em: 21 maio de 2017.

MELLO, J. M. C.; NOVAIS, F. A. **Capitalismo tardio e sociabilidade moderna**. Em: SCWARCZ, L. M. (Org.) **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013

VII Seminário FESPSP - “Na Encruzilhada da democracia: Instituições e Informações em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 7: Antropologia Urbana

**VELHO, G. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea.** 4ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.